

# ANAIS



**ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DE  
HISTÓRIA DO SERTÃO**  
(TEXTOS COMPLETOS)

## EXPEDIENTE

### **Universidade Federal de Alagoas – UFAL**

#### **Campus do Sertão**

Endereço:

Rodovia AL 145, Km 3, nº 3849

Bairro Cidade Universitária

Delmiro Gouveia – AL

Página da Instituição: <http://www.ufal.edu.br/sertao>

#### **Curso de História**

#### **Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Sociedade e Cultura – GEPHISC**

Líderes do Grupo:

Prof. Dr. José Vieira da Cruz

Prof. Dr. Aruã Silva de Lima

Contato do grupo: [gephisc@gmail.com](mailto:gephisc@gmail.com)

Website: <http://gephisc.blogspot.com.br/>

#### **Coordenador Geral do Evento**

Uílder do Espírito Santo Celestino

Website do evento: <http://3enhsufal.wixsite.com/sertao>

#### **Organização dos Anais**

José Vieira da Cruz

Gustavo Manoel da Silva Gomes

Uílder do Espírito Santo Celestino

Ryclesia Correia de Carvalho

#### **Revisão**

Gustavo Manoel da Silva Gomes

Anderson da Silva Almeida

José Vieira da Cruz

Marcus Vinicius Santana Lima

Observação: A adequação técnico-lingüística dos textos é de responsabilidade dos autores



## **Comissão Organizadora**

### **Docentes**

Prof. Me. Uílder do Espírito Santo Celestino  
Prof. Dr. José Vieira da Cruz  
Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho  
Prof. Dr. Rodrigo Pereira  
Profª. Me. Adriana Deodato Costa  
Prof. Me. Aruã Silva de Lima  
Profª. Me. Carla Taciane Figueiredo  
Prof. Me. Eltern Campina Vale  
Prof. Me. Gustavo Manoel da Silva Gomes  
Prof. Me. Flávio Augusto de Aguiar Moraes  
Profª. Dra. Vanuza Souza Silva  
Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida  
Prof. Me. Marcus Vinicius Santana Lima

### **Comissão Científica**

Prof. Dr. José Vieira da Cruz (UFAL)  
Prof. Me Aruã Silva de Lima (UFAL)  
Prof. Dr. Agnaldo José dos Santos (UFAL)  
Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho (UFAL)  
Prof. Dr. Michelle Reis de Macedo (UFAL)  
Prof. Me. Uílder do Espírito Santo Celestino (UFAL)  
Prof. Me. Gustavo Manoel da Silva Gomes (UFAL)  
Profª. Me. Sheyla Farias Silva (UFAL)  
Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida (UFAL)  
Prof. Me. Marcus Vinícios Santana Lima (UFAL)  
Prof. Me. Vladimir José Dantas (UFAL)

### **Acadêmicos**

Aline Oliveira da Silva  
Ana Maria Moreno dos Santos  
Ellen Cirilo Santos  
Fernanda Luiza Oliveira dos Santos  
Iêda dos Santos da Silva  
Izabel dos Santos  
Jefferson Júnior do Nascimento Lima  
Leide Daiane Barros de Aquino  
Leonardo Rodrigues Simião Pereira  
Lucas Eduardo Nascimento  
Luis Gustavo da Silva Leitão  
Luzane Karla Rodrigues Dantas  
Maele Moreira Sandes Cavalcanti  
Márcia Dayane de Aquino França

Regina Santana  
Ricardo de Souza Vieira  
Ryclesia Correia de Carvalho  
Samira Kelly da Silva Torres  
Tamires Vieira da Silva  
Taynnan Robert de Oliveira Barros  
Krystila Andressa Costa da Silva  
Maria Eduarda dos Santos  
Tiego Ribeiro Gomes



## REALIZAÇÃO



## SUMÁRIO



Apresentação -----	11
Programação -----	12
Simpósios Temáticos -----	14
Minicursos -----	20
Oficinas Pedagógicas-----	24
Artigos Completos -----	28
<b>FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA</b>	
Tamires Vieira da Silva -----	28
<b>CORES E SENTIDOS DA SEGUNDA GRANDE GUERRA MUNDIAL: O USO DA ARTE SEQUENCIAL QUADRINHISTA NO ENSINO DE HISTÓRIA</b>	
Luís Gustavo da Silva Leitão -----	40
<b>TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA</b>	
Lino Eduardo Monteiro Pedrosa	
Felipe Idalino Vieira do Nascimento -----	51
<b>UTILIZAÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS NA PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA</b>	
Maerla Moreira Silva	
Lívia Maria Ribeiro de Sousa -----	61
<b>O INDIO E A SALA DE AULA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA EM PAULO JACINTO – AL</b>	
Edilson Ribeiro da Silva	
José Adelson Lopes Peixoto -----	70
<b>O COMÉRCIO DE ESCRAVOS NA HISTÓRIA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS (ALAGOAS, 1871 – 1878)</b>	
Laríssa Wênia Nicácio da Silva	
Marcelo Góes Tavares -----	78
<b>GERIPANKÓS: UM BREVE BALANÇO HISTORIOGRÁFICO</b>	
Gigiele Pereira Fontes	
Lizandra Noia da Silva -----	87



TEM ÍNDIO NESSA TERRA? CONSIDERAÇÕES SOBRE O SILENCIAMENTO E A EMERGÊNCIA ÉTNICA DOS XUKURU-KARIRI EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS Brunemberg da Silva Soares José Adelson Lopes Peixoto -----	102
INDIGENISMO E MEDIAÇÃO: UMA ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO XOCÓ HOJE DA COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SERGIPE Diogo Francisco Cruz Monteiro Kléber Rodrigues Santos -----	117
FAZENDA JARRA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE RETOMADA DO TERRITÓRIO TRADICIONAL XUKURU-KARIRI Cássio Júnio Ferreira da Silva -----	130
O ÍNDIO NA HISTORIOGRAFIA: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE O PROTAGONISMO INDÍGENA NA SUA HISTÓRIA Amanda Maria Antero da Silva José Adelson Lopes Peixoto -----	139
UMA IMAGEM EM CONFLITO: O ÍNDIO XUCURU-KARIRI EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS Thayan Correia da Silva José Adelson Lopes Peixoto -----	149
QUANDO A ARTE CONTA HISTÓRIAS: SUJEITOS, IMAGENS, CRIAÇÕES ARTÍSTICAS E INVENÇÕES NO NORDESTE DO SÉCULO XX Uílder do Espírito Santo Celestino -----	161
MUSEU HISTÓRICO DE DELMIRO GOUVEIA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ENSINO Amanda Roberta Gonçalves Gomes Eltern Campina Vale -----	173
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SERTANEJO E DO CAIPIRA A PARTIR DA VISÃO ROMANTIZADA DA OBRA DE DARCY RIBEIRO Marta Raquel L. de Melo Wellida Najara Vitor dos Santos -----	188
CAMPUS SERTÃO: UMA ANÁLISE DA PAISAGEM E DA INTERAÇÃO SOCIAL Anderson Alves da Silva Tiego Ribeiro Gomes -----	194

IDENTIDADES INVENTADAS: OS SERTÕES E OS SERTANEJOS EM EUCLIDES DA CUNHA E DARCY RIBEIRO



Cléberon Luiz Gomes Barboza

Lucas Eduardo Nascimento -----206

“O SERTÃO VAI VIRAR MAR, E O MAR VAI VIRAR SERTÃO”: UMA ANÁLISE DO FILME “DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL”

Ricardo de Souza Vieira

Rogéria de Souza Vieira ----- 219

PAIXÃO E GUERRA NO SERTÃO DE CANUDOS: NARRATIVAS E MEMÓRIAS EM ANTÔNIO OLAVO

Estevão Firmo Soares

Giancard de Matos Leite ----- 237

DESEJOS E ANGÚSTIAS

Marcus Vinicius Santana Lima -----255

APÓS O ÚLTIMO EPISÓDIO, É POSSÍVEL UM RECOMEÇO: A DISSOLUÇÃO DA INTERNACIONAL COMUNISTA E O INTERNACIONALISMO REVOLUCIONÁRIO

Felipe Emmanuel Vicente da Silva -----269

ANÁLISE HISTÓRICA: COMO A CULTURA PATRIARCAL INFLUENCIOU NO SURGIMENTO DE UMA CULTURA DO ESTUPRO

Fernanda Telles Meimes

Monielly Suelen Gomes Barboza ----- 277

MOVIMENTO DE MULHERES OLGA BENÁRIO PELO OLHAR DAS ATIVISTAS ALAGOANAS

Luzane Karla Rodrigues Dantas

Ana Cristina Conceição Santos -----285

ENTRE ÁGUAS E PEDRAS: HEGEMONIA E CONFLITOS NA FORMAÇÃO DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA (1950-1980)

Jamile Silva Silveira

Larissa Cruz da Silva Santos -----293

CLASSE SUBURBANA: A CENA PUNK ROCK EM DELMIRO GOUVEIA/SERTÃO DE ALAGOAS, 1988 - 1992

José Rinaldo Queiroz de Lima -----305

BARRAGENS DA ARIDEZ: ATINGIDOS POR BARRAGEM EM LUTA NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO DA DÉCADA DE 1940 AOS DIAS DE HOJE

João Victor dos Santos Silva -----321



UM PROGRAMA SOCIALISTA PARA O BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA PARA O BRASIL (1961-1967)



Rodrigo dos Santos Borges -----332

O XANGÔ ALAGOANO SOB A PERSPECTIVA DAS NARRATIVAS DE FILHOS-DE-SANTO

Adriana Luzia Lima -----347

A MODERNIDADE NÃO TIRA A ESSÊNCIA DO SER ÍNDIO

Gabriella Kelly Da Silva

Kethily Kaliny Leal Silva -----358

A (IN)VISIBILIDADE DOS ÍNDIOS XUKURU-KARIRI FRENTE À SOCIEDADE PALMEIRENSE

Mary Hellen Lima das Neves ----- 381

MENINO DO RANCHO: PERFORMANCE RELIGIOSA DO POVO JIRIPANKÓ

Lucas Emanuel Soares Gueiros

José Adelson Lopes Peixoto ----- 393

NÊGA DA COSTA: A PRESENÇA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM QUEBRANGULO

Washington da Costa Silva

Francisca Maria Neta ----- 404

FESTA DA RETOMADA: TRADIÇÃO E RELIGIOSIDADE DOS PANKAIWKA

Wellcherline Miranda Lima

Rosalia Soares de Sousa ----- 411

TORÉ: IDENTIDADE E ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA DOS ÍNDIOS XUKURU-KARIRI

Ramônia Barbosa Felix

Regina Correia de Lima ----- 420

O ARQUIVAMENTO DAS INFORMAÇÕES DIGITAIS PRODUZIDAS DURANTE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM DELMIRO GOUVEIA/ALAGOAS

Sara Angélica Bezerra Gomes ----- 426

IGREJA CATÓLICA E CULTURA POPULAR NA IDADE MÉDIA EUROPÉIA: UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO

Lázaro da Conceição

Érica Gabriela Fonseca de Menezes ----- 436

NAS TECITURAS DE LUTAS E CONCILIAÇÕES: OPERÁRIOS TÊXTEIS DO COTONIFÍCIO M. LÔBO E O NOVO SALÁRIO MÍNIMO EM 1960

Eliseu Pessoa de Barros

Marcelo Góes Tavares ----- 443



índios e negros pelo poderio branco, de uma cultura superior sobre as culturas inferiores. Sabe-se que a tentativa de ‘civilizar’ os nativos não deu certo, o que aconteceu foi uma troca cultural, onde os dois grupos perderam e adquiriram costumes. Ocorreram ressignificações culturais, a partir das quais os costumes e tradições foram modificados na transmissão, uma vez que a apropriação do que é transmitido também influencia, e por isso deve ser analisada, principalmente em relação à história indígena. (ALMEIDA, 2010).

A ideia de que os índios iriam gradativamente ser absorvidos pela chamada civilização e deixar de existir não tem sustentação em uma realidade na qual a população indígena vem crescendo em um nível considerável. Bem como afirmando sua cultura e exigindo seus direitos, desmistificando a teoria que afirma que os índios estavam em processo de inevitável desaparecimento, entretanto, os povos indígenas tem sobrevivido, através de uma “resistência adaptativa”, e lutado por seus direitos, pois, segundo Almeida:

[...] participar intensamente da sociedade dos brancos e aprender seus mecanismos de funcionamento não significa deixar de ser índio e sim a possibilidade de agir, sobreviver e defender seus direitos. São os próprios índios de hoje que não nos permitem mais pensar em distinções rígidas entre índios aculturados e índios puros. (ALMEIDA, 2010, p. 20)

Essa ideia assimilacionista, iniciada com a colonização e que mais recentemente teve maior incentivo no século XX, principalmente no período da ditadura civil militar brasileira, não só pregava a ideia de integração, mas também contribuía para a negação da identidade indígena, reforçando a ideia de índios puros e de índios misturados, passou a ser amplamente questionada a partir da década de 1980, com a promulgação da carta constituinte de 1988, que garantiu ao índio, pela primeira vez na história do Brasil, o direito à diferença.

Todavia, apesar de a demarcação e a preservação das terras tradicionais dos índios ser garantida por lei, no município de Palmeira dos Índios, a resistência à demarcação é muito forte. Alguns posseiros e opositores afirmam que os Xukuru-Kariri não são índios, pois não se comportam como tal, isto é, como eles julgam que seja o comportamento de índios; morar em malocas, andar nu, etc. A respeito disso, a índia Suyane, da aldeia Xukuru-Kariri Mata da Cafurna, critica tão visão, afirmando que:

O ser humano evolui na medida em que os anos vão passando e a partir de sua evolução vão transformando seu espaço. Da mesma forma nós

índios somos seres humanos e evoluímos, não somos incapazes como é a concepção de muitos. [...] alguns povos indígenas vivem em aldeia, na mata [...]. Esse não é o nosso caso, índios do Nordeste, vivemos em casas de tijolos, usamos roupas de tecidos nos alimentamos de uma diversidade de comidas trazidas por vários povos. (MOREIRA, PEIXOTO e SILVIA, 2008. p.80,81)

Percebemos na fala de Suyane uma inquietação quanto à questão dos estereótipos ainda existentes sobre os povos indígenas. Ela enfatiza muito bem que tal como qualquer grupo humano, os índios do Nordeste não vivem isolados e estão sim sujeitos a influências e a trocas culturais, entretanto isso não significa que eles irão perder sua identidade, trata-se do ato de adquirir costumes e práticas do não-índio que possam possibilitar melhorias de vida e meios mais eficazes de alcançar direitos que lhes são negados.

### **O Roubo de uma Imagem: o índio como atrativo comercial**

Palmeira dos Índios passa a ideia de ser uma cidade portadora de uma rica cultura, e de uma história singular. Seus anos de ‘glória’ comercial, quando a produção de algodão a tornou um dos centros comerciais mais importantes do estado, lhe legaram o título de princesa do sertão. Além da importância econômica, destacam-se também, na história da cidade, figuras que compõem tal imagem, tais como Graciliano Ramos, Jofre Soares e Luiz B. Torres.

No plano cultural, podemos destacar a presença de dois museus; o Museu Xucurus de Artes e Costumes, e a Casa Museu Graciliano Ramos. Na história cultural do município destacam-se também os extintos cinemas, que eram muito frequentados e reconhecidos na região. Contudo, é a presença indígena, intrinsecamente ligada à formação e a singularidade cultural de Palmeira, que destaca o município.

Entretanto, o Museu Xucurus, tal como qualquer espaço de cultura e representação social da cidade de Palmeira dos Índios, não foge do raio de influência das posições ideológicas que envolvem a questão indígena no município. Trazendo em sua nomenclatura uma referência ao povo Xukuru-Kariri, o Museu torna-se um ponto indispensável no estudo da imagem construída sobre os índios no município, uma vez que os museus são espaço onde as tensões e os posicionamentos a respeito da questão indígena podem ser analisados em suas sutilezas, visto que os museus, enquanto espaço de representação histórica e cultural que é controlado por determinado grupo ou setor burocrático da administração pública, refletem a situação histórica específica de cada sociedade.

Em circunstâncias em que questões envolvendo um grupo étnico ‘minoritário’, como os Xukuru-Kariri, em detrimento de um grupo maior e dominante (população palmeirense não-indígena), a memória que o museu pode perpetuar e transmitir torna-se um instrumento de poder, usado para disseminar estereótipos que fortalecem o argumento das elites. Segundo Mário de Souza Chagas, os museus:

[...] tendem a se constituir em espaços pouco democráticos onde prevalece o argumento de autoridade, onde o que importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos. [...] O poder, por seu turno, nestas instituições, é concebido como alguma coisa que tem lócus próprio, vida independente e está concentrado em indivíduos, instituições ou grupos sociais. (CHAGAS apud CHAVES, 2014, p.12)

Seguindo o pensamento de Chagas cabe destacar que o Museu Xucurus se trata de um lugar onde a ótica do ‘dominador’ predomina, visto que os Xukuru-Kariri não se vêem representados por ele. A imagem passada pelo Museu a respeito dos índios do município de Palmeira não representa os Xukuru-Kariri da atualidade, faz referência apenas ao índio do passado, retratado como um ser lendário e folclórico.

Tal iniciativa é resultado da tentativa de descaracterizá-lo, transmitindo, mesmo que de forma sutil, a ideia de que os verdadeiros índios (puros) existiram apenas no momento da formação da cidade, transformando-os assim em uma “peça de museu” (CHAVES, 2014). A presença inegável do povo Xukuru-Kariri no momento de formação da cidade é citada pela história local, bem como por estudiosos que se propõem a pesquisar sobre o município. Os índios estão presentes no imaginário dos palmeirenses, servindo de inspiração para a literatura local, caracterizada numa lenda a respeito da fundação da cidade que é protagonizada por índios Xukuru-Kariri, e de ‘modelo’ para representações imagéticas e culturais da cidade.

Ainda se destaca o fato de muitos estabelecimentos comerciais da cidade receberem nomes que fazem referência aos Xukuru-Kariri. Denominações como; Posto Xucurus, Papelaria Kariri, drogaria Xucurus, são utilizadas como forma de atração comercial, pois a projeção que tais denominações trazem, representam uma exaltação do índio enquanto ser de um passado mítico da cidade.

Existe um iminente paradoxo quanto á representação dos índios no município, pois ao mesmo tempo em que estes estão presentes nos ícones da cidade, não são reconhecidos como de procedência legitimamente indígena, tampouco seu direito a uma cultura singular e a

posse de suas terras tradicionais é garantido. A idealização consiste num apego à imagem do índio do passado, do momento da colonização, que é transmitida pelos palmeirenses através das gerações.

Tais representações podem ser entendidas como uma materialização do estereótipo do índio do passado, que está preso à imagem genérica e simplista criada por cronistas e viajantes europeus que descreveram o exotismo desses povos. Assim, tais representações, além de fugirem da realidade local, caracterizam-se pela negação de todo o processo histórico de perseguição e imposição cultural à qual os povos indígenas brasileiros foram submetidos.

Podemos, diante de tais fatos, constatar que existe um grande distanciamento entre as representações imagéticas locais, presente na imagem da bandeira oficial do município, em alguns pontos comerciais e no próprio Museu Xucurus, e a realidade atual do povo Xukuru-Kariri de Palmeira dos Índios. Esse distanciamento torna-se preocupante, à medida que a ideia de um índio exótico muitas vezes se sobressai sobre a imagem dos índios Xukuru-Kariri que vivem atualmente no município.

## **Considerações finais**

O que foi discutido até aqui deixa evidente a amplitude da questão indígena na cidade de Palmeira dos Índios, onde os conflitos não se prendem unicamente ao plano físico das disputas territoriais, eles perpassam pelo plano ideológico, social e imagético. A tentativa de descaracterização dos Xukuru-Kariri, pelos posseiros, a partir da negação de sua singularidade cultural, que se materializam no Museu Xucurus de Artes e Costumes, é um exemplo claro de como a questão indígena no Nordeste precisa ser evidenciada e discutida, não apenas em ambientes acadêmicos, mas também na educação básica e a nível social.

É preciso trazer a atual situação indígena à tona, pois as imagens que a maioria das pessoas tem sobre os povos indígenas é fruto de uma educação falha, que insiste em associar o índio a um passado remoto, passado a ideia de que este é um ser distante historicamente, e que possui determinadas características típicas, que evidentemente não podem ser encontradas nos atuais povos indígenas do Nordeste.

Além dessa falha educacional, a influência de elites latifundiárias, interessadas nas terras indígenas, é um fator muito forte para o desconhecimento sobre a cultura indígena, bem como para a perpetuação de estereótipos e imagens distorcidas. A população de Palmeira dos Índios é um exemplo de como as elites latifundiárias podem disseminar imagens errôneas sobre os povos indígenas, principalmente quando da existência de conflitos territoriais, e de seus reais motivos e desdobramentos.

Assim, por não conhecer a singularidade da cultura indígena, nem se interessarem em conhecer mais sobre esses povos, muitas pessoas se deixam influenciar por argumentos dos posseiros e passam a contribuir para a consolidação de uma imagem estereotipada sobre o povo Xukuru-Kariri. Onde, ora são tratados como personagens lendários, presentes nos anos iniciais da composição do município, e servindo como componente cultural que dá sustento à imagem da cidade e de pontos comerciais e turísticos, ora são tratados como interesseiros e inimigos do povo, que estariam visando à posse de terras.

Diante disso, é possível perceber o quanto pesquisar sobre tal temática é importante para a implementação do debate imagético a respeito dos Xukuru-Kariri de Palmeira dos Índios, ainda, fica manifesta a dificuldade que uma pesquisa sobre uma temática tão complicada evidentemente enfrenta, num meio em que a negação do índio é constante.

## Referência bibliográfica

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 168 p.

ARRUTI, José Maurício Paiva Andion, 1995, “Morte e vida no nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional”, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 8, nº 15: 57-94. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277841417>. Acesso em: 27/06/2016.

CHAVES, Julio César. “**Eu não queria que índio se tornasse peça de museu**” – polifonias dos Xukuru Kariri sobre museus. Maceió, 2014 (não publicado).

MOREIRA, Ana Cristina de Lima; PEIXOTO, José Adelson Lopes; SILVA, Tiago Barbosa da. **Mata da Cafurna: Ouvir Memória e Contar História: Tradição e Cultura do Povo Xucuru-Kariri**. Maceió: Edições Catavento, 2008.

MONTEIRO, John Manoel. **Armas e Armadilhas**: história e resistência dos índios. In NOVAES, Adauto (org). **A outra margem do ocidente**. São Paulo, Companhia da Letras, 1999.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. Mana, vol.4, n°.1, p.47-77, Abr. 1998.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Memórias e imagens em confronto**: os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá / José Adelson Lopes Peixoto.-- João Pessoa, 2013.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **O Visível E O Dizível**: A Imagem Do Povo Xucuru-Kariri Sobre Palmeira Dos Índios, 2011(não publicado).

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silencio. IN: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SILVA, Edson Hely. **POVOS INDIGENAS NO NORDESTE**: Contribuição a Reflexão Histórica Sobre o Processo de Emergência Étnica. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme>> acesso em 22 de novembro de 2015.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando Sentidos**: Os Xucuru-Kariri e o Serviço de Proteção aos Índios no agreste alagoano. Maceió: Edufal 2013.